



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
CURSO – LETRAS LICENCIATURA/LÍNGUA PORTUGUESA**

**A COMICIDADE NAS CRÔNICAS DE MILLÔR FERNANDES:
O cômico além do riso**

**ITABAIANA/SE
ABRIL/2017**

ERINALDO FERREIRA DE OLIVEIRA

A COMICIDADE NAS CRÔNICAS DE MILLÔR FERNANDES:
O cômico além do riso

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras, da Universidade Federal de
Sergipe, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em Letras
Português.

Orientadora: profa. dra. jacqueline
Ramos.

ITABAIANA/SE
ABRIL/2017

RESUMO

O cômico passa por mudanças desde a antiguidade até os dias atuais, com diversas funções na sociedade, seja com a forma de buscar o prazer, como à integração social ou até mesmo como a correção social. A comicidade deve ser entendida não somente enquanto o prazer do riso, mas também nele pode estar vinculada uma informação nova, uma denúncia e até vir a contribuir na formação de um cidadão mais crítico. Esta pesquisa objetiva investigar a comicidade nas crônicas de Millôr Fernandes, o papel desempenhado pelo cômico no *corpus* em análise e as entrelinhas do riso. Buscamos para isso estudar as formas cômicas descritas pelos teóricos Bergson (1983) e Freud (1905), e dar uma visão diferente do que é perpassado pelos meios de comunicação e o que pensa a maioria das pessoas a respeito da comicidade. Os textos que usaremos pertencem ao gênero crônica, que tem como característica serem narrações curtas, publicadas em jornais e revistas, e em sua maioria trazem como finalidade a crítica indireta a algo ou alguma coisa.

PALAVRAS-CHAVES: Comicidade, Crítica, Ironia, Riso.

ABSTRACT

The comic goes through changes from the antiquity to the present day, with various functions in society, whether with the form of seeking pleasure, or with social integration or even the social correction. The comic must be understood not only the pleasure of laughter, but also in it can be linked new information, the denunciation and even contribute to the formation of the more critical citizen. This research aims to investigate comedy in the chronicles of Millôr Fernandes, the role played by the comic in the corpus under analysis and the lines between laughter. We seek to study the comic forms described by the theorists Bergson (1983) and Freud (1905), and give a different view of what is mediated and what most people think about comedy. The texts that we will use to the chronic genre, which has the characteristic of being short stories, published in newspapers and magazines, and most of them bring indirect criticism to something or something.

KEYWORDS: Comedy, Criticism, Irony, Laughter.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 – AÇÕES ADMIRÁVEIS DAS FILHAS DE EVA.....	11
2 – EXAGEROS EM CONTATO COM O CÔMICO.....	18
3 – A CORRUPÇÃO NOSSA DE CADA DIA.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intenção, por meio de algumas crônicas do escritor Millôr Fernandes, estudar de uma maneira mais abrangente e específica a comichidade e o seu papel no âmbito social e linguístico. O cômico é entendido, pela maioria das pessoas como um meio de promover a diversão e consequentemente o riso. Mostraremos que vai além do humor, essa será a temática abordada partindo dos pressupostos teóricos de Sigmund Freud (1905), para quem o riso é uma maneira expressiva de libertação do inconsciente, que busca em seu interior o prazer. Já Henri Bergson (1983), retrata o cômico como um fenômeno social, que depende do público para o risível, e, por sua vez, caracteriza o riso como uma correção social.

Escolhemos como corpus para análise as crônicas: “Eva sem costela” (“O Cruzeiro”, 1947, p. 86), “Exageros de mãe” (texto extraído do livro “10 em humor”, 1968, p. 15), “E o seu nível de corrupção, como vai? ” (“*Todo homem é Minha Caça*”, 1981 p. 60), de Millôr Fernandes. Esses pertencem ao gênero crônica e trazem como sua principal característica a narração curta, publicada em jornais e revistas, são escritas seguindo uma visão crítica e irônica dos fatos, relatando acontecimentos de forma cronológica.

Esses textos serão a base para compreendermos a comichidade nesse gênero, e como dito anteriormente, o cômico não tem ligação unicamente com o riso, através dele vem uma série de informações vinculadas, denuncia, crítica, ironia, algo que venha a contribuir para um cidadão mais crítico, vai além do fato de rir. A escolha das crônicas acima, se deu por tratarem de temas voltados para a sociedade, a figura feminina e a família, com temáticas que envolvem o ambiente do cotidiano. A análise terá como intuito evidenciar o cômico e o seu papel dentro das crônicas, além da construção que está nas entrelinhas da comichidade nas obras em análise.

Millôr Fernandes, nasceu em 16 de agosto de 1923, porém foi registrado oficialmente em 27 de maio de 1924, filho de Francisco Fernandes e Maria Viola Fernandes. Millôr traz em suas obras o lado cômico, o que pode ser observado em

sua própria biografia: por um erro de grafia, até os 17 anos, ele pensava se chamar Milton Viola Fernandes, foi nesse período que percebeu que seu nome estava escrito com uma grafia duvidosa, fato que o fez crer que seu nome era de fato Millôr. Entre 1931 e 1935, estuda o ensino básico na escola Enes de Sousa no Meier, onde conhece a professora Isabel Mendes, essa que foi sua fonte de inspiração no prazer em aprender. Ainda cedo perde seu pai, fato que força sua mãe a trabalhar como costureira para sustentar seus quatro filhos (Millôr, Hélio, Judith e Ruth). Sua mãe também morre cedo, quando ele tinha 11 anos, por isso Millôr foi morar com a avó em um quarto de fundo de quintal. Millôr considerava o dia 15 de março de 1938, como o início de sua profissão de jornalista, trabalhando na revista “O Cruzeiro”, ele foi além de jornalista, cartunista, cronista, dramaturgo, tradutor, roteirista e poeta.

Dentre suas principais crônicas, se destacam a sua primeira intitulada “Agonia”, publicada em janeiro de 1947, “Eva sem Costela”, publicada em janeiro de 1946, essa que por sua vez marca sua estreia na literatura, obra essa que traz os traços do cômico, demonstra certo ironia com o machismo, fato que também será encontrado em obras como: “Lições de um Ignorante”, (1963), “Discurso de Deus a Eva” (1972), “Que país é Este”, (1978). Millôr morre em Ipanema, Rio de Janeiro em 27 de março de 2012, aos 88 anos, mas oficialmente aos 87, sua obra é marcada pelo cômico, ironia, polêmica e crítica; seja em seus textos, seja em seus desenhos, construindo uma obra vasta, que discute os costumes brasileiros dos últimos sessenta anos.

Para o estudo desse *corpus*, estaremos nos apoiando nos mecanismos do riso, que por sua vez é uma realidade presente nas mais diversas culturas, como parte da essência humana. Então, o que há por trás dessa sensação risível do homem? Afinal, o cômico não é justificado e encerrado com uma única definição. A fantasia cômica que vem sendo objeto de estudo no decorrer dos anos, desde Aristóteles, é um pequeno problema que acaba ocasionando o empenho, esquivando e escapando, assim se lança como desafio para a especulação filosófica, sendo o riso uma manifestação que passa por mudanças no decorrer dos séculos.

Para Henri Bergson, “não há comicidade fora do que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais risível” (1983, p. 7). Não existe cômico fora do contexto humano, sendo assim, o fato de rirmos de animais é explicável pelo motivo de aos animais serem atribuídas ações humanas. O homem é um animal que ri e que também faz rir, traduzindo uma certa insensibilidade, que acompanha o riso. Uma cena por exemplo, de drama se mudar o contexto, pode-se tornar um motivo de riso. Como Bergson (1983) relata: “Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco” (Bergson, 1983, p. 8), o riso é sempre vivenciado por um grupo, o riso em um espetáculo se intensifica quando a plateia estiver mais cheia, o espetáculo necessita do público, o riso necessita de um ambiente, e esse é a sociedade.

Segundo Bergson: “gestos dos quais não imaginamos rir se tornam risíveis quando outra pessoa os imita”(1983, p. 19), como fora introduzido, o cômico tem diversas formas e não pode uma única o definir, ao menos não por completo, isso se for plausível de termos uma definição totalmente completa, o risível é de uma simplicidade, sendo que nosso estado de espírito muda de instante para instante, os gestos já são cômicos por si só, e se tornam ainda mais intensos se aplicados a desviar no ato de imitar.

O riso é causado também pelo movimento involuntário, aquele que vai de encontro ao padrão, Bergson em sua obra, trabalha com diversos exemplos para tentar chegar à definição da comicidade, se alguém tropeçar e cair, quebrará o padrão, tornando-se uma cena cômica, porém se vier caminhando normalmente e sentar-se, não será motivo de gargalhada, sendo o desajeitamento o causador do riso. Nesse sentido, Bergson considera a comicidade como o mecânico calcado no movimento, ou seja, esse movimento que causa o desajeitamento é o causador do riso.

Em seus estudos, Bergson (1983), traz a comicidade das formas das situações e das palavras, sendo que a de situações de um modo geral é a que está interligada como o próprio nome sugere, com as situações, o autor faz uso de vários exemplos de situações cômicas em sua obra, boneco de mola, fantoche a cordões,

nos revelando que: “ não há, portanto, cena real, séria e até mesmo dramática que a fantasia não possa levar à comicidade pela evocação dessa simples imagem” (p. 40). Há também nesse tipo de comicidade três processos que levam ao riso: a repetição, a inversão e a interferência de series. Na repetição o cômico se dá pela ação do personagem em que uma combinação de circunstâncias vai se repetindo em várias ocasiões, citando como exemplo dois amigos que a tempos não se veem e em um mesmo dia se esbarram diversas vezes, situação que gera a gargalhada. A inversão também procedimento cômico, como o cidadão que é contra a corrupção, e em seu cotidiano é um corrupto total. Já na interferência em séries, que ocorre geralmente no teatro, há sempre dois sentidos que se alternam entre o real e o possível.

Outro estudioso que se dedicou ao cômico foi Sigmund Freud, em “*os Chistes e a sua Relação com o Inconsciente*”, obra que traz uma problemática, sobre os chistes seriam nada mais do que uma ação do inconsciente que traduz o cômico, um juízo que produz o contraste cômico. “A liberdade produz chistes e os chistes produzem liberdade” (1905, p. 9), ora, se a liberdade produz chistes e os chistes liberdade, eles são um caminho que leva a mesma direção, à comicidade, e essa por sua vez é uma forma de liberdade e de manifestação do oculto no inconsciente, sendo assim os chistes podem ter a função de agredir, causar graça, ou revelar aquilo que está oculto. O chiste reside na expressão que o pensamento encontra em uma sentença, também na forma como ocorre a enunciação do verbo, seja na fala ou na escrita, tem como função gerar o prazer, passando a ser um ponto de equilíbrio que leva ao escape de tensões e permite falar o que está reprimido em seu inconsciente.

Para Freud (1905), o chiste tem como característica a brevidade, ou seja, “dizer o que se tem a dizer, nem sempre com poucas palavras, mas sempre em poucas palavras demais” (1905, p. 11).

Os propósitos dos chistes, são caracterizados pela ênfase que Freud dá à técnica da analogia, ele relata a dúvida que irá gerar em seus leitores. Sendo assim, o efeito que o chiste pode causar irá depender do ouvinte ao qual se dirige, tendo como consequência o fato de vir a ser inocente ou tendencioso, o chiste inocente,

tem a tendência de ser utilizado em ambas formas (verbais e conceptuais). No que se refere ao chiste tendencioso, a sua técnica está interligada à forma verbal, tem como marca o fato da intenção dos insultos, sendo dessa forma considerado o mais prazeroso. O chiste, então contribui para que se possa explorar algo de ridículo e serve como liberdade de expressão, uma maneira de quebrar certa censura imposta pela sociedade.

A respeito dos chistes cínicos, são os que disfarçam cinismos, como no exemplo de Freud: “uma esposa é como uma guarda-chuva; mais cedo ou mais tarde toma-se um taxi”, com esse exemplo fica claro que o guarda-chuva com sua função de proteger da chuva, é falho, sendo necessário o uso de um taxi para que não fique encharcada. Modo cômico de apresentar a necessidade da traição no casamento.

Objetivamos, finalmente, discutir o modo pelo qual o cômico atribui sentidos aos textos e seu poder de persuasão, influência e crítica no meio social, através das crônicas citadas anteriormente de Millôr Fernandes. A escolha pelos textos desse renomado autor. Se deu pelo fato de sua consagração no cenário nacional literário, jornalístico, dramaturgico etc. Em 2014, foi homenageado no Flip 2014, (festa literária internacional de Paraty), onde recebeu diversas homenagens pelo seu trabalho pelo tom crítico em suas obras, principalmente ao poder, uma homenagem que valida e consolida seu trabalho ao longo de sua carreira.

Procuraremos descrever os processos e funções da comicidade nas crônicas de Millôr Fernandes e para tanto, organizaremos o estudo em três capítulos, onde cada um terá como objetivo a análise de uma das crônicas do *corpus*. Enfim, nos propomos a estudar nas crônicas de Millôr o seu conteúdo cômico e o que está nas entrelinhas nos escritos em análise. Por último, estão expostas as considerações finais dessa pesquisa.

1 – AÇÕES ADMIRÁVEIS DAS FILHAS DE EVA

A crônica “*Eva sem costela*” (1972), se inicia como se Millôr estivesse respondendo a uma crítica de seus leitores, ao pensarem que quando ele relata os defeitos das mulheres, ele está demonstrando que as filhas de Eva são em tudo pior que os filhos de Adão. No entanto, ele diz que tentará demonstrar que isso não é verdade, o narrador revela a inversão cômica já que utiliza de um discurso irônico que desqualifica a figura feminina.

Já no título “*Eva sem costela*”, o autor nos remete ao mito cristão de Eva gerada da costela de Adão, porém nesse título é Eva sem a costela, sendo assim transmite a ideia de da figura feminina sem a derivação do masculino, já o subtítulo, “coisas que as mulheres fazem melhor do que os homens”, gera a expectativa que o narrador sairá em defesa da figura feminina, enumerando uma sequência de fatos que elas realizariam com mais eficiência que a figura masculina. Essa eficiência é que será ridicularizada.

Eva sem costela

Coisas que as mulheres fazem melhor do que os homens

Millôr Fernandes

Muita gente pensa que quando mostro todos os defeitos que mostro nas mulheres estou demonstrando definitivamente que as filhas de Eva são em tudo pior que os filhos de Adão e que jamais conseguirão fazer alguma coisa melhor que os indivíduos que vestem calças compridas. Está claro que isso não é verdade. Como é verdade clara que na maioria das vezes as mulheres estão realmente aquém, muito aquém mesmo das coisas conseguidas pelo homem, de modo que realizam apenas a metade do que estes conseguem realizar quando se metem a medir forças com eles.

Mas em determinadas coisas muito particulares — as exceções da regra — elas se mostram de uma eficiência que os homens nem conseguem imitar. Demonstrando isso dou abaixo uma lista das coisas admiráveis que a mulher consegue fazer:

- 1) Economizar em coisas úteis e gastar em coisas inúteis.
- 2) Colocar na cabeça o mais ridículo dos chapéus e achar que está elegantíssima.
- 3) Mandar descer milhares de peças de fazenda das prateleiras de uma loja e no fim não comprar nem um metro.
- 4) Colocar um maiô de dez centímetros e achar que está bem vestida.
- 5) Falar durante duas horas e não dizer absolutamente nada.
- 6) Enganar o cônjuge sem que este jamais suspeite de que está sendo enganado.
- 7) Usar um sapato apertadíssimo apenas porque o acha elegante; só desmaiar de dor quando chega em casa.
- 8) Tomar banho demoradamente e depois sujar a cara com baton, rouge, pan-cake, e outras drogas.
- 9) Fingir irritação quando alguém desconhecido lhe diz um elogio quando na verdade está contentíssima.

- 10) Ter medo de uma mulher sozinha e não ter medo de dez homens juntos.
- 11) Cruzar as pernas mostrando-as bem, e depois ficar irritada porque alguém as olha.
- 12) Elogiar tremendamente uma amiga e logo às suas costas dizer "tudo que sabe delas" — e acrescentar alguma coisa ainda por sua própria conta.
- 13) Aborrecer um gerente de loja até que ele lhe deixe mais barato cinquenta centavos um metro de fazenda que custa trezentos cruzeiros.
- 14) Não fazer nada durante toda a existência e não se sentir inútil.
- 15) Participar dos feitos e glórias do marido ou coisa que o valha sem participar dos riscos do fracasso.
- 16) Mudar a cor do cabelo preto para vermelho e exclamar: "Detesto chamar a atenção dos outros".
- 17) Conversar na intimidade coisas que fariam corar um frade e protestar em altos brados quando insinuamos ao de leve qualquer coisa mais livre.
- 18) Chorar a qualquer momento em que for preciso.
- 19) Arrancar as sobrancelhas todas e depois fazer outra a lápis .
- 20) Perseguir um homem dando a impressão de que foge.

Millôr Fernandes busca através desta crônica demonstrar ações das mulheres, que são rotineiras e comuns na sociedade. É uma crônica com linguagem de fácil entendimento e temática voltada para costumes da sociedade. Millôr no primeiro momento, gera expectativa no leitor de que nessa obra ele sairá em defesa da mulher e quebrará aquela imagem de machista que se tem dele. No entanto, a crônica só mostra que as mulheres são em tudo pior do que os filhos de Adão e que jamais conseguirão fazer algo melhor do que eles. Essa expectativa fica mais evidenciada quando diz: “ está claro que isso não é verdade”, nesse fragmento, fica claro que o autor está induzindo o leitor para o texto com intuito que dessa vez será diferente mesmo. Porém, na sequência do texto há a quebra de expectativa, pois ele revela que as mulheres só conseguem realizar metade dos feitos dos homens quando medem forças, apoiando os homens.

Mas em determinadas coisas muito particulares — as exceções da regra — elas se mostram de uma eficiência que os homens nem conseguem imitar. Demonstrando isso dou abaixo uma lista das coisas admiráveis que a mulher consegue fazer:

Na passagem acima, o autor volta a criar expectativa no leitor de que sairá em defesa que a mulher faz sim coisas melhor do que o homem, a partir daí, evidencia-se a ironia cômica, quando ele enumerará a sequência das coisas em que as mulheres são melhores e, nisso revelando tudo que a mulher tem de pior.

- 1) Economizar em coisas úteis e gastar em coisas inúteis.
- 2) Colocar na cabeça o mais ridículo dos chapéus e achar que está elegantíssima.
- 3) Mandar descer milhares de peças de fazenda das prateleiras de uma loja e no fim não comprar nem um metro. (Fernandes, 1972).

Observa-se na passagem 1, 2 e 3, que há nessas ações das mulheres, uma crítica à descrição dessas ações que vêm de forma engraçada, cotidiana e verossímil, por esse fato é ainda mais cômico. Podemos encontrar nesse fragmento, um efeito risível que deriva da causa, como descrito por Bergson , “quando certo efeito cômico derivar de certa causa, quanto mais natural a julgarmos tanto maior nos parecerá o efeito cômico” (p. 11).

Levando em conta a tese de Bergson, fica claro que nos fragmentos em destaque, o risível deriva de uma causa que é natural, cotidiana, rotineiro e visíveis à sociedade. Evidencia-se que as ações das mulheres despertam o riso com maior eficácia e naturalidade. É evidente também que o narrador tenta através de sua escrita, fazer uma crítica usando o humor sobre as ações das mulheres, elas que tentam economizar nas coisas uteis, porém gastam nas fúteis, colocar o chapéu mais ridículo e se achar elegante, podia ser também o exemplo de um modelo de vestido, a figura feminina é muito movida pela moda e não gosta muito do fato de encontrar outra com o mesmo vestido que ela, ou um chapéu, se acha elegante e única se estiver com algo diferente, mesmo que seja de certa forma “ridículo”.

A crítica mais notória vem no exemplo três de Fernandes, em que as mulheres abusam ao chegar em uma loja, pedem para descer todo o estoque de peças, olham, provam e ao fim não levam nenhuma. Fica claro que a figura feminina tem essa especialidade de provar e não acabar levando nenhuma peça.

- 4) Colocar um maiô de dez centímetros e achar que está bem vestida.
- 5) Falar durante duas horas e não dizer absolutamente nada.
- 6) Enganar o cônjuge sem que este jamais suspeite de que está sendo enganado.

Nas passagens em destaque, há espaço para a caracterização da mulher como um ser que tem o dom de falar bastante e não dizer nada, além de ter uma “virtude”, um tanto quanto perseguida pela sociedade, “enganar o cônjuge sem que este jamais suspeite que está sendo enganado”, Millôr utiliza do humor para fazer uma certa crítica a figura feminina, e essa forma de construção faz o leitor se aproximar mais do texto e até o apreciar de forma menos formal e mais cotidiana, familiar e sociável, ele também revela o desejo de ser atraente sexualmente da mulher “colocar um maiô de dez centímetros e achar que está bem vestida”, nessa passagem, há a crítica ao modo de se vestir, mostrando mais do que o devido, mas por outro lado critica a ideia de sensualidade, ser apenas exibição do corpo feminino.

O porquê de Millôr expor essas particularidades dos seres que usam vestidos e ainda o fazendo de uma forma que nos remete ao risível e com traços de crítica; o cômico está sendo estilizado naquele como o descrito por Freud (1905). O sentido que remete a sexualidade é camuflado, aparecendo pelo uso da interpretação de “colocar um maiô de dez centímetros”. Ao ler o texto, não ficará tão claro, porém ao analisarmos, um maiô tão pequeno chega a ser quase uma nudez; essa cena ao lermos pela forma da construção que é feita na crônica é de grande valia para gerar a comichade no seu leitor, esse que é um lado que nos leva segundo Bergson (1983), a “o cômico parece só produzir seu abalo sob condição de cair na superfície de um espírito tranquilo, bem articulado, seu maior inimigo é a emoção” (p. 7).

O conceito que Bergson (1983), nos traz é evidente ao que se refere ao cômico, se o leitor ler e tiver de alguma forma a emoção pelo objeto de estudo que leva à comichade, ele não irá achar risível, por isso é determinante que o leitor esteja em um bom estado de espírito, não estando deprimido, magoado ou até com raiva, qualquer situação que o leve a emoção, essa que é considerada por ele a maior inimiga do riso.

7) Usar um sapato apertadíssimo apenas porque o acha elegante; só desmaiar de dor quando chega em casa.

8) Tomar banho demoradamente e depois sujar a cara com baton, rouge, pan-cake, e outras drogas.

- 9) Fingir irritação quando alguém desconhecido lhe diz um elogio quando na verdade está contentíssima.
- 10) Ter medo de uma mulher sozinha e não ter medo de dez homens juntos.

Millôr Fernandes busca através dos escritos em destaque trazer o cômico, como o descrito nos conceitos de Bergson (1983), “a inversão que beira a ironia nos remete ao cômico”. Ao analisarmos a teoria em confronto com a passagem da crônica, é visível que há uma inversão e essa torna a situação de pleno humor, estar com sapato apertado, incomodando e somente por questão estética fingir estar tudo bem e só desmaiar ao chegar em casa, esse desfecho é que deixa a cena risível, ela leva o leitor a ler e se identificar com a situação de uma forma ou de outra e acaba por se deparar com a gargalhada.

Nos demais itens seguem a mesma linha, há uma quebra de expectativa gerando a cena cômica que leva o leitor ao riso. Outro lado visível nas ações citadas por Millôr é o fato da exposição do lado mental feminino que tem variações e o escritor as trata como anormais. É fora do comum nessas ações que deixam a cena ainda mais risível, além de haver traços de ironia em relação a essas ações das mulheres que, por sua vez, estão vinculadas à vaidade, portanto não há somente o cômico nesses escritos e sim um modo para amenizar as verdades e as expor de forma que leva o leitor, tanto masculino como feminino, a cair no riso com sua leitura.

- 11) Cruzar as pernas mostrando-as bem, e depois ficar irritada porque alguém as olha.
- 12) Elogiar tremendamente uma amiga e logo às suas costas dizer “tudo que sabe delas” — e acrescentar alguma coisa ainda por sua própria conta.
- 13) Aborrecer um gerente de loja até que ele lhe deixe mais barato cinquenta centavos um metro de fazenda que custa trezentos cruzeiros.
- 14) Não fazer nada durante toda a existência e não se sentir inútil.
- 15) Participar dos feitos e glórias do marido ou coisa que o valha sem participar dos riscos do fracasso.

Em “*Eva sem costela*” na seguinte passagem “Cruzar as pernas mostrando-as bem, e depois ficar irritada porque alguém as olha. ”, Millôr trabalha com o

estereotipo do inconsciente da mulher, quando, faz uma ação para chamar atenção, porém se alguém a nota, fica irritada, essa situação além de uma demonstração de uma das características das filhas de Eva. Torna-se cômica pelo fato da situação, onde a pessoa disfarça e esse por sua vez que gera o risível, já nesse trecho: “Elogiar tremendamente uma amiga e logo às suas costas dizer "tudo que sabe delas" — e acrescentar alguma coisa ainda por sua própria conta”, o autor trabalha com a figura da mulher como uma dissimulação, elogia na presença e fala mal na ausência.

O risível se apresenta nessa situação pelo jogo de palavras da personagem e pela própria ação que é notória, quem nunca se deparou com uma pessoa que faça algo parecido com o trecho acima, dependendo do estado de espírito do telespectador, ele poderá encarar a situação com gargalhadas, ou até mesmo com desprezo pelo fato do enunciador ser uma pessoa de duas faces. “ Aborrecer um gerente de loja até que ele lhe deixe mais barato cinquenta centavos um metro de fazenda que custa trezentos cruzeiros. Não fazer nada durante toda a existência e não se sentir inútil. Participar dos feitos e glórias do marido ou coisa que o valha sem participar dos riscos do fracasso.

Nos casos acima há crítica do autor em relação ao estereotipo das mulheres, talvez a principal seja movida por ela se vangloriar das conquistas do seu parceiro e caso haja fracasso ela se isenta ou até pior, o recria por isso. Millôr utiliza os exemplos com uma elaboração fantástica, que apesar de trabalhar em cima da crítica a essas ações em que as mulheres são superiores ao homem, ele desenha toda a situação para que o primeiro impacto no seu leitor seja o riso. E de fato, ao lermos qualquer desses trechos, identificaremos em sociedade o citado, segundo Bérqson (1983), “ não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados, o riso parece precisar do eco”, (p. 8), nesse caso o eco será o leitor, se for uma leitura para uma classe de pessoas, quanto maior o número, maior será a eficácia.

16) Mudar a cor do cabelo preto para vermelho e exclamar: "Detesto chamar a atenção dos outros".

17) Conversar na intimidade coisas que fariam corar um frade e protestar em altos brados quando insinuamos ao de leve qualquer coisa mais livre.

18) Chorar a qualquer momento em que for preciso.

- 19) Arrancar as sobrancelhas todas e depois fazer outra a lápis .
- 20) Perseguir um homem dando a impressão de que foge.

Os fragmentos acima, como em toda essa crônica, Millôr trabalha com a revelar o estereotipo das mulheres essas que tem como intuito ironizar os preconceitos da sociedade para com a mulher ele utiliza essas ações como forma a dar a impressão que são vantagens das mulheres sobre os homens, e esse jogo de atitudes usado pelo autor tem um intuito, o de trazer essas ações para a construção na sociedade.

De toda forma ele as usa com o humor bem trabalhado, “Arrancar as sobrancelhas todas e depois fazer outra a lápis”, essa passagem é bastante cômica para o leitor que se depara com ela, o mais risível é sua verossimilhança, são atitudes que de fato são comuns às mulheres, o autor usa do ambiente natural, descrito por Bérqson (1983), “o riso e seu ambiente natural que é a sociedade, ele deve ter uma significação social” (p. 9), esse humor é caracterizado pela inserção do ambiente natural das filhas de Eva, além de sua construção fazer parte da sociedade, e tem uma significação social por trás do risível, usando o jogo das ações e das palavras para gerar o humor no leitor em primeiro momento, já que notamos que há algumas críticas camufladas em seu texto.

2. EXAGEROS EM CONTATO COM O CÔMICO

Na crônica “*Exageros de mãe*” (1968), Millôr Fernandes, critica a atitude das mães. O exagero que é usado para explicar e precaver os seus filhos. O autor utiliza uma série de enunciados usados pela figura materna para demonstrar a preocupação que elas têm com seus filhos. Porém, não há somente a comicidade em destaque na crônica em análise, procuraremos enumerar o risível e confrontarmos com conceitos teóricos de Bérgrson(1983) e Sigmund Freud (1905).

Exageros de Mãe

Millôr Fernandes

Já te disse mais de mil vezes que não quero ver você descalço. Nunca vi uma criança tão suja em toda a minha vida. Quando teu pai chegar você vai morrer de tanto apanhar. Oh, meu Deus do céu, esse menino me deixa completamente maluca. Estou aqui há mais de um século esperando e o senhor não vem tomar banho. Se você fizer isso outra vez nunca mais me sai de casa. Pois é, não come nada: é por isso que está aí com o esqueleto à mostra. Se te pegar outra vez mexendo no açucareiro, te corto a mão. Oh, meu Deus, eu sou a mulher mais infeliz do mundo. Não chora desse jeito que você vai acordar o prédio inteiro. Você pensa que seu pai só trabalha pra você chupar Chica-Bon? Mas, furou de novo o sapato: você acha que seu pai é dono de sapataria, pra lhe dar um sapato novo todo dia? Onde é que você se sujou dessa maneira: acabei de lhe botar essa roupa não faz cinco minutos! Passei a noite toda acordada com o choro dele. Eu juro que um dia eu largo isso tudo e nunca ninguém mais me vê. Não se passa um dia que eu não tenha que dizer a mesma coisa. Não quero mais ver você brincando com esses moleques, esta é a última vez que estou lhe avisando.

(Texto extraído do livro "10 em Humor", Editora Expressão e Cultura - Rio de Janeiro, 1968, pág. 15)

Trata-se de uma crônica repleta da habilidade e inteligência, em que Millôr utiliza o cômico através dos exageros da figura “mãe”, e trabalha, além do humor e da sociabilidade do texto, o cotidiano do lar, mais efetivamente a relação entre mãe e filho que é o tema central dessa crônica. Millôr utiliza o riso para registrar alguns fatos e críticas sobre os “exageros de mãe”

Já te disse mais de mil vezes que não quero ver você descalço. Nunca vi uma criança tão suja em toda a minha vida. Quando teu pai chegar você vai morrer de tanto apanhar. Oh, meu Deus do céu, esse menino me deixa completamente maluca.

A passagem acima, nos remete a ideia central já anunciada no título da crônica, os exageros, devemos ver o que o autor nos revela através da exposição dessas falas exacerbadas, ao lermos, nos depararmos com situações que evocam o riso, esse que por sua vez surge da espontaneidade. A comicidade tem esse poder sobre o leitor, ouvinte, telespectador de uma forma geral, ao confrontarmos com conceitos de Bergson, em que: “ só é essencialmente risível o que se faz automaticamente, todo desvio é cômico” (1983. p. 70).

A crônica traz a fala da mãe de forma automática, são situações que evocam o cotidiano das pessoas, quem nunca ouviu uma das expressões citadas acima? Há um exagero na intensidade dos fatos, um acréscimo, “mil vezes, nunca vi uma criança tão suja”. A priori o leitor encontrará nessas frases o humor, mas em uma análise mais profunda, Millôr, faz um jogo com o mundo em que as mães usam de uma forma de proteção para com os seus filhos utilizando o exagero. Há também a crítica a essa construção das mães, uma vez que pode ser nocivo para a criança ouvir algumas dessas expressões, pode se achar que é uma criança imunda, ou partindo para outro pressuposto, pode vir a criar uma maior obediência com a mãe, pelo fato de não entender toda essa preocupação em forma de exagero.

A ameaça e a figuração de vítima através da chantagem são outras das formas de exagero, ironia e caricatura que o autor faz nesse fragmento, a ameaça vem pela fala: “quando teu pai chegar você vai morrer de tanto apanhar”, a crítica está presente pelo tom da ameaça, a mãe já não tendo controle da situação, recorre à figura do pai para ameaçar o filho e assim o conter. Já a posição de vítima aparece pela forma da chantagem; “ oh, meu Deus do céu, esse menino me deixa completamente maluca”. Nessa passagem, a figura materna passe a ser a vítima, ela que sofre e fica completamente maluca. Evidencia-se a chantagem que ela usa, se fazendo de presa, o filho pensará que ele ocasiona essa maluques em sua mãe, talvez passando a rever seus atos, mas sempre se sentindo culpada.

Estou aqui há mais de um século esperando e o senhor não vem tomar banho. Se você fizer isso outra vez nunca mais me sai de casa. Pois é, não come nada: é por isso que está aí com o esqueleto à mostra. Se te pegar outra vez mexendo no açucareiro, te corto a mão. Oh, meu Deus, eu sou a mulher mais infeliz do mundo

O trecho apresenta a figura materna como um ser que reclama de tudo e vai além, reclama de forma exagerada, quando o autor traz a passagem que: “eu sou a mulher mais infeliz do mundo”. Percebe-se que a situação está sendo exagerada, que ela não é a mulher mais infeliz, fica claro também que a personagem é dramática e emotiva, Millôr utiliza essas frases que por conter o exagero e estereotipo gera identificação do leitor com o texto, ocasionam o riso, trazem em seu interior características da mãe, como: impaciência, exagero, dramaticidade e emoção.

Analisando as passagens com os conceitos de Bergson (1983), para quem: “o exagero é cômico quando é prolongado e sobretudo quando é sistemático”, (p. 60), Ora se o exagero é um transmissor da comicidade, fica claro que Millôr traz esses “exageros de mãe”, para gerar o humor em seu leitor, afinal esse é a *priori* o primeiro efeito que o leitor terá ao entrar em contato com o texto.

O autor se vale desse cômico para que a leitura seja mais acessível e agradável ao seu público, afinal textos com essa finalidade despertam o interesse pela leitura, e ele usa dessa construção para ir além do humor e mostrar alguns estereótipos da mãe e criticar algumas de suas formas, lidar com a educação e controle sobre seus filhos.

Não chora desse jeito que você vai acordar o prédio inteiro. Você pensa que seu pai só trabalha pra você chupar Chica-Bon? Mas, furo de novo o sapato: você acha que seu pai é dono de sapataria, pra lhe dar um sapato novo todo dia? Onde é que você se sujou dessa maneira: acabei de lhe botar essa roupa não faz cinco minutos! Passei a noite toda acordada com o choro dele.

Em “*Exageros de mãe*”, também há espaço para o estereótipo da mulher capitalista. Nas passagens: você acha que seu pai é dono da sapataria, pra lhe dar um sapato novo todo dia? você pensa que seu pai só trabalha pra você chupar chica-bom?”; Nessas passagens há uma certa preocupação da mãe com o capital,

usa a citação para construir na cabeça do filho que sapatos são caros e que ele não deve ficar comendo chica-bom em excesso, afinal devem ser caros e darão gastos além o poder familiar. Com relação aos sapatos, já que o pai dele “não é dono da sapataria”, o cuidado deve ser redobrado para não ser necessário comprar sapatos todos dias.

Outro exagero que Millôr utiliza nessas passagens para demonstrar os aumentativos da figura materna: não há como uma criança acordar um prédio inteiro, a produção em si é voltada para o humor e como já fora dito anteriormente, esse é seu primeiro impacto quando o leitor entra em contato, sendo essencialmente risível o que se faz automaticamente. Os exemplos são automáticos e cotidianos, qual a mãe que nunca usou ao menos uma dessas expressões?

Essas expressões geram o que Bérqson, chama de comicidade de palavras, essas que de um modo geral estão interligadas como o próprio nome já remete as palavras. As situações dos exageros com o uso de expressões, que são cotidianos, geram o riso no leitor, são esses efeitos simples que geram o cômico e fazem o leitor cair na gargalhada ao entrar em contato com o texto.

Há espaço no fragmento acima para o estereótipo da mãe que põe o outro sempre como mais importante, “não chora desse jeito que você vai acordar o prédio inteiro”. Millôr, retrata, então através do cômico a crítica ao humano que põem sempre o outro como prioridade, não há preocupação para o motivo do choro da criança, mas há espaço para se preocupar com os vizinhos do prédio, a figura do outro sempre vem a frente.

Eu juro que um dia eu largo isso tudo e nunca ninguém mais me vê. Não se passa um dia que eu não tenha que dizer a mesma coisa. Não quero mais ver você brincando com esses moleques, esta é a última vez que estou lhe avisando.

No fragmento acima, encontramos a figura da mulher destemperada, com ira, revoltada, por trás dessas frases de exagero, a figura materna encontra-se em um estado de revolta, “e nunca ninguém mais me vê, não se passa um dia sem dizer a

mesma coisa, esta é a última vez que estou lhe avisando”. Todas essas passagens demonstram que a mulher está em um destempero, está querendo sumir.

De certa forma é um meio que ela tem de fazer com que seu filho se controle e a obedeça. É perceptível também o jogo mental da mãe, ameaçando ir embora, assim ela faz com que o seu filho tenha certo receio e pense duas vezes antes de fazer algo que a contrarie. Outro aspecto representado é a mãe dominadora e mandona, “não quero mais ver você brincando com esses moleques”, fica claro que é uma ordem e uma forma de dominar e quem sabe até proteger o filho.

Enfim, o cômico se revela pelas situações em destaque, pela sua simplicidade e pela evocação do social que as mesmas têm, a fantasia leva ao cômico. De forma geral “exageros de mães”, traz como primeiro efeito esse prazer que aproxima o leitor do texto, o faz sentir-se no seu cotidiano, o exagero provoca o riso, e por se tratar de uma forma exagerada que é notificada no meio social, a comicidade se intensifica. Millôr em sua construção utiliza dos exemplos mais plausíveis de exageros possíveis e faz sua elaboração de forma sistemática e ilustrativa para o leitor, atravessa as fronteiras do riso e vai a crítica e a enumeração do implícito com foi citado na análise. Essa é a fantástica maneira de escrever que esse autor tem e que traz o leitor para a vivência de um mundo diferente no âmbito da leitura.

3 – A CORRUPÇÃO NOSSA DE CADA DIA

“*E o seu nível de corrupção, como vai?*”, título em que Millôr traz implícito o fato de que todo ser humano é corrupto em algum nível, restando apenas identificar se é alto ou baixo. Assim, remete que a crônica será o estopim para o leitor ir em busca da resposta sobre o seu nível de corrupção. A pergunta no título desperta o interesse do leitor pelo texto, havendo nela a intenção de aumentar a busca em desvendar o que a crônica trará como crítica ao tema. Partindo para a análise do *corpus*, buscaremos identificar o cômico e a crítica social que o autor nos traz através de sua escrita.

E o seu nível de corrupção, como vai?

Millôr Fernandes

Dizem por aí que todo homem tem seu preço. Há quem vá mais longe afirmando que alguns homens são vendidos a preço de banana. Sempre esperei, na vida, o dia da Grande Corrupção, e confesso, decepcionado, que ele nunca veio. A mim só me oferecem causas meritórias, oportunidades de sacrifício, salvação da Pátria ou pura e frontalmente a hedionda tarefa de lutar... contra a corrupção. Enquanto eu procuro desesperadamente uma oportunidade, as pessoas e entidades agem comigo de tal forma que às vezes chego a duvidar de que a corrupção exista. Mas, falar em corrupção, como anda a sua? Vendendo saúde ou combalida e atrofiada como a minha? Responda com muito cuidado às perguntas abaixo e depois conclua sobre sua própria personalidade: você é um corrupto total ou um idiota completo? (Não há meio-termo.) Conte 10 pontos para cada resposta certa (você é quem decide qual é a certa) e verifique depois o grau de sua corruptibilidade. Nota: Se você roubar *neste* teste, é porque sua corrupção é mesmo absolutamente incorruptível.

A) Você descobre que o chefe do seu departamento está com um caso complicado com a secretária do outro chefe em frente. Você: 1) Finge que não viu nada. 2) Diz à secretária que ou também está, nessa ou vai botar a boca no mundo. 3) Oferece o seu sítio ao chefe pra ele passar o fim de semana. 4) Bota a boca no mundo. 5) Insinua ao chefe que há a perigosa hipótese de a mulher dele vir a saber (e enquanto isso põe a promoção embaixo do nariz dele pra ele assinar).

B) Você acha que a Lei e a Ordem é uma mística social maravilhosa para: 1) Impor a lei e a ordem. 2) Acabar com a grita dos descontentes. 3) Grandes oportunidades de ganhar algum por fora. 4) Dividir o bolo entre os íntimos sem ninguém de fora piar.

C) A primeira vez em que você ouviu falar do escândalo de Watergate você disse: 1) Isso é que é país! 2) Como é que o governo americano permite uma imprensa dessas? Isso desmoraliza um país! 3) Eu não compraria um carro usado desse Nixon. 4) Isso jamais aconteceria entre nós. 5) Quanto terão levado esses caras pra se arriscarem dessa maneira?

D) Você, como representante oficial da fiscalização, comparece à apresentação de contas, em dinheiro, no Instituto dos Cegos. Fica surpreendido com o alto volume das arrecadações e em certo momento: 1) Diz: "Estou surpreendido com a miserabilidade dos donativos". E tenta enrustir algum. 2) Diz: "Como representante do fisco sou obrigado a reter 30 % de tudo porque esta arrecadação é totalmente ilegal". 3) Diz: "Teria sido até uma boa arrecadação se metade das notas não fossem falsas". 4) Disfarça bem a voz e diz, entredentes: "Todos quietinhos aí, seus Homeros de uma figa: Isto é um assalto!"

E) Você se demite do cargo de maneira irrevogável por insuportáveis pressões morais e absoluta impossibilidade de compactuar com a presente política da firma. Eles prometem triplicar o seu salário. Você: 1) Recusa, indignado, por pensarem que é tudo uma questão de dinheiro. Só ficará se eles derem também as três viagens anuais à Europa a que todos os diretores têm direito. E participação nos lucros retidos da companhia. 2) Diz que, evidentemente, isso é uma prova moral de que eles estão de acordo com você. O dinheiro, aí é definitivo como demonstração de confiança na sua gestão. 3) Pede para pensar 5 minutos antes de dar a resposta. 4) Explica que tem mulher e filhos e não pode manter um pedido de demissão feito, afinal de contas, por motivos tão irrelevantes.

F) Há uma diferença fundamental entre *fraudar* e *evitar* o imposto de renda. Quando você descobriu isso, você: 1) Ficou indignado com as possibilidades de os poderosos usarem tudo a seu favor. Como é que se pode escamotear um ordenado? 2) Começou a estudar furiosamente a legislação para descobrir todos os furos. 3) Tinha 11 anos de idade e estava terminando o curso primário. 4) Nunca mais pagou um tostão de imposto.

G) Você dá um nota de 10 pra pagar o jornal, no jornaleiro velhinho da banca da esquina, e percebe que ele lhe deu 50 como troco. Você imediatamente: 1) Corrige o erro do velhinho? 2) Reclama chateado aproveitando a gagaíce do vendedor: "Pô, eu lhe dei uma nota de 100?" 3) Chega em casa e manda todos os seus filhos comprarem vários jornais? 4) Bota o dinheiro no bolso e fica freguês?

H) Você teve que fazer um trabalho na rua, não pôde almoçar, comeu um sanduíche. Você apresenta a conta na companhia: 1) Um sanduíche — 3 cruzeiros. 2) Almoço — 32 cruzeiros. 3) Almoço com o representante da A&F Ltda. — 79 cruzeiros. 4) Despesas gerais — 143 cruzeiros.

I) Quando o desfalque dado pelo auditor geral (8.000.000 pratas) chega a seus ouvidos você murmura: 1) "Idiota, se deixar apanhar assim". 2) "Será que eles vão descobrir também os meus 10.000?". 3) "Se ele tivesse me dado 10% eu tinha feito o negócio de maneira que ninguém nunca ia descobrir". 4) "Eu fiz bem em não entrar no negócio".

Conselho de amigo:

Quando alguém, na rua, gritar "Pega ladrão!", finge que não é com você.

(Texto extraído do livro *"Todo homem é minha caça"*, Editorial Nórdica Ltda. — Rio de Janeiro, 1981, pág.60)

Dizem por aí que todo homem tem seu preço. Há quem vá mais longe afirmando que alguns homens são vendidos a preço de banana. Sempre esperei, na vida, o dia da Grande Corrupção, e confesso, decepcionado, que ele nunca veio. A mim só me oferecem causas meritórias, oportunidades de sacrifício, salvagens da Pátria ou pura e frontalmente a hedionda tarefa de lutar.. . contra a corrupção. Enquanto eu procuro desesperadamente uma oportunidade, as pessoas e entidades agem comigo de tal forma que às vezes chego a duvidar de que a corrupção exista. Mas, falar em corrupção, como anda a sua? Vendendo saúde ou combatida e atrofiada como a minha? Responda com muito cuidado às perguntas abaixo e depois conclua sobre sua própria personalidade: você é um corrupto total ou um idiota completo? (Não há meio-termo.) Conte 10 pontos para cada resposta certa (você é quem decide qual é a certa) e verifique depois o grau de sua corruptibilidade. Nota: Se você roubar *neste* teste, é porque sua corrupção é mesmo absolutamente incorruptível.

Percebe-se na passagem acima, parte introdutória da crônica, que Millôr irá tratar em seu texto do nível de corrupção do homem, seu preço perante a sociedade, inicia com uma frase que nos remete à comicidade, "alguns homens são

vendidos a preço de banana”, dando a impressão de que na sociedade há corrupção de todo preço, desde o mais alto até o mais baixo possível.

O narrador inicia revelando sua expectativa de chegar ao dia da grande corrupção, porém revela sua decepção, pois esse dia nunca chegou. Cabendo a ele a função de salvador da pátria e a tarefa de lutar contra a corrupção. Esse jogo de palavras, usado por Millôr, é um método de trazer o leitor para a leitura e presenciar em seu escrito a crítica à sociedade corruptível e que tanto fala de corrupção, quando todos são corrompidos. O ápice dessa introdução vem quando é lançada a pergunta, “Mas, por falar em corrupção, como anda a sua?”, nessa passagem o autor provoca o leitor para o interior do texto e o coloca como corrupto.

Dando continuidade à introdução da crônica, o narrador vai buscar através de um teste “o seu nível de corrupção”, partindo de uma afirmativa que todos são corruptíveis, indo além: “você é um corrupto total ou um idiota completo?” Nesse trecho, o autor traz a oportunidade de o leitor ser sincero e identificar seu nível de corrupção e não ser idiota e simplesmente corromper o teste, o sublime jogo de palavras que é utilizado nessa introdução é de uma magnífica inteligência para a escrita. Quando o autor traz que você é quem decide qual é a certa, ele quer dar a chance de o leitor perceber o seu nível de corrupção, já que qualquer resposta levará ao mesmo resultado (corrupção). Mas já sabendo que ao final do teste o resultado será a descoberta de que é um cidadão corrupto. Ao final o cômico é revelado pelo fato de que se roubar nesse teste, será por que o nível de corrupção é absolutamente incorruptível, o jogo de ideias de Millôr traz a crítica de que haverá níveis tão altos a ponto de corromper o teste.

A) Você descobre que o chefe do seu departamento está com um caso complicado com a secretária do outro chefe em frente. Você: 1) Finge que não viu nada. 2) Diz à secretária que ou também está, nessa ou vai botar a boca no mundo. 3) Oferece o seu sítio ao chefe pra ele passar o fim de semana. 4) Bota a boca no mundo. 5) Insinua ao chefe que há a perigosa hipótese de a mulher dele vir a saber (e enquanto isso põe a promoção embaixo do nariz dele pra ele assinar).

Nesse primeiro teste, Millôr traz uma situação na qual está implícito a sua crítica à corrupção, sendo que todas as alternativas e que de fato são as utilizadas em uma situação como essa são corruptíveis, na alternativa um se fingir, está sendo de acordo com o fato, omitindo o ocorrido, no dois e cinco há a crítica do cidadão que irá se apropriar da situação para se favorecer através da chantagem com intuito de vir a obter vantagens sobre sua descoberta, na opção três além de ser conivente, criando aliança e vínculo de favor com a situação, ajudará o chefe em sua situação corrupta, apresentando ironias e inversões cômicas.

Já no quatro que seria o fato de botar a boca no mundo, a crítica está embutida por se meter em uma situação a qual não lhe caberia. Enfim Millôr usa o teste para mostrar que o nível de corrupção pode ser moderado ou elevado, mas ele estará presente, sendo uma realidade da sociedade. Ironicamente, a sociedade critica a corrupção, porém, no seu cotidiano, faz uso de práticas ilícitas e imorais.

A comicidade está presente pelo simples fato de ser uma situação que é propriamente humana, segundo Bergson, “não há comicidade fora do que é propriamente humano”. (1983, p. 7). Essa é uma situação que é propriamente humana, em que se busca tirar proveito de uma situação para alcançar seus objetivos, ou simplesmente se aproveitar dela para gerar a discórdia. Enfim, o cômico se revela pela identificação do leitor com ao menos uma das opções do teste e com sua constatação de que é corrupto.

B) Você acha que a Lei e a Ordem é uma mística social maravilhosa para:
 1) Impor a lei e a ordem. 2) Acabar com a grita dos descontentes. 3) Grandes oportunidades de ganhar algum por fora. 4) Dividir o bolo entre os íntimos sem ninguém de fora piar.

No que se refere a lei e a ordem, Millôr utiliza em seu segundo teste a pergunta com intuito de saber a opinião do leitor sobre a mesma, a opção um seria a única em que não implicaria em uma ação corrupta, porém ele a põe somente para compor, pois sabe que ninguém a escolherá a menos que seja um ser incorruptível. O cômico é evidenciado de forma mais acentuada nas opções três e quatro, ao

entrar em contato com a leitura, será motivo para cair na gargalhada, essa comicidade vem em forma de disfarce social, onde há a quebra de um padrão e as pessoas agem como marionetes movidas pelo sistema capitalista, visando somente seu interesse e buscando se beneficiar de tudo do que for possível e o que não for também. Há espaço nesse fragmento para ao cidadão que utiliza a lei e o seu conhecimento sobre ela para tirar proveito e assim pisar na sociedade interpretando os objetivos da lei.

D) Você, como representante oficial da fiscalização, comparece à apresentação de contas, em dinheiro, no Instituto dos Cegos. Fica surpreendido com o alto volume das arrecadações e em certo momento: 1) Diz : "Estou surpreendido com a miserabilidade dos donativos". E tenta enrustir algum. 2) Diz: "Como representante do fisco sou obrigado a reter 30 % de tudo porque esta arrecadação é totalmente ilegal". 3) Diz: "Teria sido até uma boa arrecadação se metade das notas não fossem falsas". 4) Disfarça bem a voz e diz, entredentes: "Todos quietinhos aí, seus Homeros de uma figa: Isto é um assalto!"

F) Há uma diferença fundamental entre *fraudar* e *evitar* o imposto de renda. Quando você descobriu isso, você: 1) Ficou indignado com as possibilidades de os poderosos usarem tudo a seu favor. Como é que se pode escamotear um ordenado? 2) Começou a estudar furiosamente a legislação para descobrir todos os furos. 3) Tinha 11 anos de idade e estava terminando o curso primário. 4) Nunca mais pagou um tostão de imposto.

I) Quando o desfalque dado pelo auditor geral (8.000.000 pratas) chega a seus ouvidos você murmura: 1) "Idiota, se deixar apanhar assim". 2) "Será que eles vão descobrir também os meus 10.000?". 3) "Se ele tivesse me dado 10% eu tinha feito o negócio de maneira que ninguém nunca ia descobrir". 4) "Eu fiz bem em não entrar no negócio".

Observa-se nas passagens acima, uma crítica ao poder que o capitalismo tem em corromper as pessoas, Millôr usa esses testes para mostrar que em qualquer situação que envolva dinheiro e poder haverá variadas formas de buscar se beneficiar de situações em benefício próprio, há espaço também para a crítica ao cidadão que reclama da corrupção, principalmente dos representantes do alto poder, porém em situações parecidas agiriam da mesma forma, não importando o valor que esteja envolvido, a corrupção estará presente, fica implícito também que uma sociedade que é corrupta não pode vir a cobrar melhorias, se a mesma não tem autoridade e moral para cobrar.

O riso está presente nas opções dadas por Millôr como alternativas de respostas, ele usa dessa forma cômica para fazer sua crítica de modo enfático e efetivo. Lembremos de Bergson, para quem a comicidade tem uma significação social, de corrigir desvios comportamentais. Percebe-se nos fragmentos acima o processo da inversão apresentado por Bergson, processo esse que em seus estudos nos remete à ideia como o próprio nome já diz: algo às avessas, causando certa graça através dessa inversão de valores.

Na crônica de Millôr, essa inversão está presente na caracterização de uma sociedade que quer dar lição de moral em casos de corrupção, porém é corrupta no seu cotidiano, faz uso de práticas ilícitas para se beneficiar e ao ser indagada nas ações que criticam, fariam da mesma forma. As hipóteses trabalhadas pelo autor, são de cunho cômico ao entrar em contato com o leitor.

Nos trechos analisados, há espaço para a comicidade de caráter de Bergson, em que: “pouco importa um caráter ser bom ou mau; se é insociável, poderá vir a ser cômico”. (p. 70), fica claro nas passagens acima que o caráter apresentado é insociável e por tanto cômico, esse caráter que é considerado mau pela sociedade, gera o riso através da elaboração feita por Millôr, apresentando a falta de caráter que a sociedade crítica, mas faria igual, tirar proveito de uma instituição de cegos, da diferença entre “fraudar” e “evitar” o imposto de renda e o desfalque do auditor, em todos os exemplos, existe a presença de hipóteses que seriam utilizadas para tirar proveito, evidenciando o mau caráter da sociedade, são justamente as opções trazidas nas tratativas que revelam a comicidade na obra de Millôr.

E) Você se demite do cargo de maneira irrevogável por insuportáveis pressões morais e absoluta impossibilidade de compactuar com a presente política da firma. Eles prometem triplicar o seu salário. Você: 1) Recusa, indignado, por pensarem que é tudo uma questão de dinheiro. Só ficará se eles derem também as três viagens anuais à Europa a que todos os diretores têm direito. E participação nos lucros retidos da companhia. 2) Diz que, evidentemente, isso é uma prova moral de que eles estão de acordo com você. O dinheiro, aí é definitivo como demonstração de confiança na sua gestão. 3) Pede para pensar 5 minutos antes de dar a resposta. 4) Explica que tem mulher e filhos e não pode manter um pedido de demissão feito, afinal de contas, por motivos tão irrelevantes.

Observa-se no trecho acima que Millôr nos traz uma crítica ao cidadão que não compactuando com a política da empresa a qual trabalha, pede demissão, porém, ao ser ofertado um salário três vezes maior, surgirá uma série de hipóteses para sua permanência, não sendo só uma questão de insatisfação, as hipóteses revelam uma corrupção de caráter e que essa situação o levará à busca de vantagens.

O cômico é revelado através das respostas possíveis sobre o questionamento, sendo a comicidade de caráter que Bergson traz em seus estudos, que diz: “não importa a gravidade do caso: grave ou leve, poderá nos causar riso desde que se ache um modo de não nos comover”, (p. 70). O motivo no questionamento acima é de certa forma grave, uma vez que se trata de uma situação que pode acarretar no futuro e sustentabilidade de uma família, mas para o leitor, há o desvio e assim não se comove, ao entrar em contato com o texto, o riso se manifestará através do desvio de comoção com o ocorrido.

G) Você dá um nota de 10 pra pagar o jornal, no jornaleiro velhinho da banca da esquina, e percebe que ele lhe deu 50 como troco. Você imediatamente: 1) Corrige o erro do velhinho? 2) Reclama chateado aproveitando a gagaíce do vendedor: "Pô, eu lhe dei uma nota de 100?" 3) Chega em casa e manda todos os seus filhos comprarem vários jornais? 4) Bota o dinheiro no bolso e fica freguês?

H) Você teve que fazer um trabalho na rua, não pôde almoçar, comeu um sanduíche. Você apresenta a conta na companhia: 1) Um sanduíche — 3 cruzeiros. 2) Almoço — 32 cruzeiros. 3) Almoço com o representante da A&F Ltda. — 79 cruzeiros. 4) Despesas gerais — 143 cruzeiros.

Millôr traz através dessas duas opções, situações que envolvem dinheiro, ele traz uma opção em cada teste que seria a correta a se fazer, porém em seu contexto o autor já revela que há como expectativa o fato de não haver escolha do leitor por essas, ele as usa para demonstrar a sociedade corrupta e, como já revelado na introdução, para ele somente um idiota por completo que chegará a assinalar essas opções. Em todo seu texto, Millôr, nos traz a crítica à sociedade que busca sempre se beneficiar das variadas situações, as duas em destaque trazem como temática a figura do beneficiamento envolvendo dinheiro, um troco errado, e a ajuda de custo

da empresa que não foi usada, mas que poderá vir a ser usufruída até de forma acrescida.

O cômico está presente nas ações das passagens acima e no caráter dos personagens, Bergson, diz que: " Não é raro que um personagem cômico censure certa conduta em termos gerais e lhe dê logo o exemplo: é o mestre de filosofia do Sr. Jourdain encolerizando-se depois de haver pregado contra a cólera" (Bergson, 1983, p. 70). Partindo da teoria em confronto com o texto, é notório que os personagens de um modo geral figuram contra a corrupção, porém são corruptos em várias situações ao longo de sua vida e dia, havendo o desvio de caráter que é o ápice para gerar a gargalhada.

Millôr Fernandes trabalha com as perguntas para evidenciar o nível de corrupção do seu leitor, identificar o nível, pode ser alto ou baixo, mas a corrupção é uma afirmativa trazida pelo autor. O cômico é trazido como forma de construção a deixar o texto mais agradável ao público, mais crítico, porém menos nocivo ao leitor, o clímax da gargalhada vem ao final da crônica onde: "Conselho de amigo: Quando alguém, na rua, gritar "Pega ladrão!", finge que não é com você". Nesse trecho o autor revela que ao ler o seu texto, o leitor se identificará como corrupto e que não deverá ligar com a frase "pega ladrão", o porquê de ser a parte mais cômica, é pelo fato de o leitor se identificar com o final e ver que no seu cotidiano ele é de fato corrupto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das crônicas, pretendeu-se mostrar através da análise do papel que a comicidade exerce em obras literárias, e o que está implícito através dessa forma de construção que visa o riso, mas sempre tem um algo a mais em suas entrelinhas. Para essa análise foram utilizados como fontes de embasamento as teorias sobre o cômico de Henri Bergson (1983) e Sigmund Freud (1905).

Na introdução, foi exposto de forma objetiva e breve o relato sobre o papel da comicidade ao longo dos tempos e as considerações feitas pelos teóricos Bergson, em sua obra *O riso: ensaio sobre a significação do cômico* (1983) e Freud, em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905). O primeiro teórico tratava o cômico como maneira de correção, uma forma de criar padrões, correção social e repressão de desvios. Já Freud busca a descrição de técnicas dos chistes como uma maneira de buscar o prazer, de expor algo ou opinião. Foi apresentado também o autor e o *corpus* para estudo cômico.

No primeiro capítulo, “filhas de Eva, ações admiráveis em humor”, a comicidade contribui para o entendimento do machismo existente na sociedade, esse que por sua vez foi utilizado como forma de criticar as ações das mulheres descritas na crônica. As ações trazem em seu interior o disfarce do machismo e a crítica às atitudes da mulher na sociedade, no texto foi escolhido o que a mulher tem de pior para ser usado com exemplo para mostrar sua fraqueza ante a figura masculina.

No segundo capítulo, “Exagero em contato com o cômico”, como o próprio nome sugere, foi mostrado os exageros da figura materna através a crônica; “Exagero de mãe”. A escolha dessa crônica foi por tratar de um assunto ligado à família, o lar. O autor usa o risível para, de uma forma humorada, tocar no assunto exagero que a mulher utiliza como forma de proteção e educação para com os seus filhos, indo além cômico, foi constatado, críticas do autor a essa forma de exageros, representando a mãe dominadora, desesperada, ameaçadora, vítima e chantagista.

Todas essas críticas bem enumeradas com um jogo de frases que trazem a princípio o humor, mas nos revela muito sobre os modos de se exercer o papel de mãe.

No terceiro capítulo, “A corrupção nossa de cada dia”, teve como base para análise a comicidade no âmbito social, essa voltada para situações corruptas. O leitor entrando em contato, dispara em riso. O fato da escolha dessa crônica, foi por trazer um tema bastante forte no âmbito social que é a corrupção, o autor usa seu texto para criticar a sociedade que tanto censura a corrupção, mas é de fato ela corrupta em várias ações de seu dia. O cômico, nesse texto tem o papel de demonstrar e criticar a realidade da sociedade, que tem seu nível de corrupção constatado através dos testes usados na crônica. Os testes e suas sugestões de respostas são o mais risível na crônica de Millôr, o jogo com o teste e a crítica no decorrer de seu texto é o ponto chave da análise, o cômico indo além do riso e mostrando-se um revelador de caráter, e de mau-conduta do ser humano diante da sociedade.

Percebeu-se nos capítulos de análise que o corpus que a comicidade vai além, conforme pregado por Bergson e Freud, pois une os leitores indo mais a fundo numa reflexão mais crítica e clara dos fatos. É visível a construção da crítica e da ironia nessas crônicas de Millôr, nos revelando o que não queremos ver, mas está em nossa família, lar e sociedade diariamente.

REFERÊNCIAS

Freud, Sigmund. **Os chistes e a sua relação com o inconsciente**, Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1905, Volume VIII.

Bergson, Henri, **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**, 2ª ed, Rio de Janeiro: Zarah Editores, 1983

Fernandes, Millôr. **Biografia**. Disponível em <https://www.ebiografia.com/millor_fernandes>. Acesso em 07 de setembro de 2016.

_____. **Eva sem costela**. In Revista “o cruzeiro”, p. 86, 1947. Disponível em <<http://www.releituras.com/millor>>. Acesso em 05 de setembro de 2016.

Fernandes, Millôr. **Exageros de mãe** . In “10 em humor”. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura Editora, 1968. Disponível em <<http://www.releituras.com/millor>>. Acesso em 05 de setembro de 2016.

_____. **E o seu nível de corrupção, como vai?** In “Todo homem é minha caça”. Rio de Janeiro: Nórdica Ltda. editora, 1981, p. 60. Disponível em <<http://www.releituras.com/millor>>. Acesso em 05 de setembro de 2016.